

DONALDO SCHÜLER

Joyce Era Louco?

SUMÁRIO

1. Loucuras	11
2. <i>Ulisses</i>	33
3. Riverrun	129
4. Lituraterra	177
5. Joyce, o Enigma	215
Referências Bibliográficas	237

I. LOUCURAS

Mênades e Musas

O tragedista Eurípides advertiu em *As Bacantes* que a repressão ao culto a Dioniso leva a crimes hediondos. Penteu, rei de Tebas, em nome da ordem, reprime o frenesi que se alastra na cidade com a acolhida da divindade adventícia. Surdo a advertências, o monarca encerra o deus do vinho nos estábulos do palácio. Nem avisado do comportamento pacífico das Mênades (ou Bacantes), reunidas no campo, Penteu se abrandando, força militar cerca as insubordinadas. Dioniso convence o rei a ver as Mênades com os seus próprios olhos, vestido de mulher para não ser agredido por elas. Tendo-o instalado no alto de um pinheiro, incita as delirantes. Estas derrubam a árvore e estraçalham o infeliz. A mãe, uma das transtornadas, sem reconhecer o filho, mutila-o. Imitada pelas demais, Penteu voa aos pedaços pelos ares. A mãe, com a cabeça do filho espetada no tirso, entra triunfante na cidade, certa de conduzir a cabeça de um leão.

A palavra “mênades” tem a mesma raiz de mania, ambos os substantivos relacionam-se com o verbo *máinomai* (estar louco, embriagado, delirante). Não é com medidas violentas que se ex-

tingue o delírio das Bacantes. A “excitação maníaca”, lembra Lacan, explode com violência real.

Igualmente poderosa é a mania das Musas, padroeiras das artes. Os poetas ouvem sons que se materializam em versos, em canto, em escrita, dança de sonoridades, de imagens, encadeamento de ações, achados epifônicos que não resultam de busca. Platão, cultor da dialética, declara que os poetas, embriagados pelas Musas, produzem versos sedutores de que ignoram o sentido, razão que o leva a declará-los nocivos ao Estado. Desde tempos antigos os poetas delirantes vivem como exilados, homens fora do léxico e da lei, *outlex (ilexicais)* na prosa inventiva e agressiva de Joyce.

O mel ritmado das Musas flui até da língua de juízes (Hesíodo). Cabe a legisladores justos transformar em vitalidade política a excitação maníaca de multidões tangidas pela dor. Assim foi em repúblicas ordeiras na Grécia antiga, assim é hoje. Os legisladores atenienses acolheram o culto a Dioniso no espetáculo teatral. Da mania orgiástica ao espetáculo teatral, não acompanhamos apenas mudança de lugar, no teatro reina o saber fazer. O teatro consagra a ação política de Dioniso. Aristóteles considera terapêutico o espetáculo teatral. A embriaguez dionisíaca desce do palco, vibra no canto coral, ativa os espectadores. Antígona, ameaçada de morte, enfrenta a tirania com sábio domínio de seus atos. Poetas, orientados pelas Musas, ordenam palavras em fuga, auscultam consonâncias e dissonâncias, encadeiam ideias, recolhem sentimentos dispersos. O vigor dionisíaco propõe enigmas, inflama inteligências. O espetáculo dirigido a olhos e ouvidos ocupa mentes atiladas.

Nem Platão resistiu ao dom das Musas, seus diálogos se desenvolvem como tragédias em prosa, Aristófanes, comediógrafo, é homenageado em *O Banquete*; seduzido pela imaginação poética, o filósofo entra na mente do assombroso inventor popular e produz um mito fecundo, o dos seres esféricos que, seccionados,

teriam dado origem aos sexos. Erixímaco, o médico que preside a reunião festiva, recomenda uso moderado do vinho para que se possa examinar com serenidade criativa a atuação de Eros, divindade indispensável à convivência salutar.

Quem É Louco?

A dúvida levou Machado de Assis a escrever em fins do século XIX *O Alienista*, conto que reflete as inquietações de um século revolucionário. O Dr. Simão Bacamarte, recusando posição privilegiada na corte portuguesa, elege Itaguaí, localidade situada nas proximidades do Rio Janeiro durante os derradeiros anos do Brasil colônia para o estudo de deserdados do espírito, leva a câmara de vereadores da cidadezinha a construir uma casa destinada ao tratamento de deficientes mentais, confiada à sua exclusiva direção.

Na Casa Verde, nome da instituição, o alienista dividiu os loucos em furiosos e mansos. As subclasses compreendiam monomanias, delírios, alucinações. Foram internados um orador grandiloquente, loucos por amor, criminosos passionais, maníacos de liberalidade excessiva. A própria esposa do alienista, fascinada por vestimenta vistosa, depois de uma viagem ao Rio de Janeiro, não escapou da internação, doente de “mania sumptuária”. O rigor do médico garantiu-lhe o prestígio de imparcialidade científica. O alienista submeteu a conduta humana a minucioso exame: aversões, simpatias, palavras, gestos, tendências, profissão, costumes, doenças, antecedentes familiares. Bacamarte cuidava, ao mesmo tempo, das formas de tratamento. Depois de pensar num remédio universal, dedicou-se ao estudo de substâncias medicamentosas, meios curativos e paliativos, já consagrados e os de sua própria invenção, o efeito terapêutico de viagens. Os estudos levaram-no à conclusão de que a razão é o perfeito equilíbrio de todas as facul-

dades, fora daí só havia insânia. Aos olhos do alienista, a loucura já não era uma ilha perdida no oceano da razão, era um continente. Bacamarte percorreu a cidade inteira. A insegurança provocou a revolta. O barbeiro Porfírio liderou um protesto, acompanhado de cerca de trinta pessoas para acabar com a tirania, para depor o déspota. Como Porfírio não teve autoridade suficiente para enfrentar o cientista, Bacamarte, valendo-se da confusão administrativa em que precipitara a cidade, internou quatro quintos da população.

Inesperadamente Bacamarte muda de doutrina. Dados estatísticos o convenceram de que os perfeitamente equilibrados eram doentes e que sadios deviam ser considerados os que apresentavam alguma deficiência. Essa descoberta o levou a libertar os confinados e internar a população restante. A terapêutica consistia agora em despertar vícios nas pessoas tidas como perfeitas. O método foi tão eficiente que com o tempo a Casa Verde já não abrigava paciente algum. Diante desse fato, Bacamarte conclui que o único perfeitamente equilibrado era ele. Coerente com sua doutrina, ele próprio se interna e, depois de alguns meses de ineficiente autotratamento, morre na Casa Verde.

O conto de Machado acolhe debate de séculos. Quem é louco? Loucos devem ser segregados? Loucos contaminam a população sadia? O objetivo do confinamento é restaurar a saúde ou punir? Quem é competente para estabelecer critérios rigorosos de loucura? O conto de Machado conclui que a loucura, ingênita no homem, promove a vida. O doutor Bacamarte pune com a morte a objetividade científica.

Questões levantadas por Machado ainda estavam em discussão na segunda metade do século xx. O movimento estruturalista, pretendendo conferir rigor científico às ciências humanas, elaborou modelos rigorosos. Michel Foucault decide dar voz aos fatos. *História da Loucura* é um livro propositadamente caótico.